

OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DA PAISAGEM NO ENSINO E PESQUISA NA GEOGRAFIA

Silvio Simione da Silva¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma breve reflexão sobre outras possibilidades metodológica ao processo de ensino/aprendizagem na Geografia, no Ensino Superior. Nisto expomos apontamentos possíveis para a realização de trabalhos de campo, com a análise da paisagem, com práticas que não nega compromisso social do estudioso. Para isto, entendemos que nosso olhar de estudioso da Geografia sobre a paisagem, deve sempre ser capaz de diagnosticá-la. Isto se faz sob a luz de uma observação científica, processual e integral da paisagem como objeto de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Metodologia. Trabalho de campo. Observação científica. Ensino/aprendizagem.

Considerações introdutórias

Um dos princípios básicos do processo ensino/aprendizagem e da produção do conhecimento científico em Geografia é o constante confronto entre a teoria e a realidade. Assim, em nossa ação pedagógica, o ver, o julgar e o agir são caminhos que nos permite visualizar os liames da relação sociedade/natureza. Esta relação está, por excelência, fundamentalmente, no objeto de estudo da Geografia, na apreensão da unidade na diversidade do espaço geográfico produzido e reproduzido. Está é uma condição para manifestarmos político e cientificamente, enquanto cidadãos e estudiosos da realidade, negando a neutralidade política e científica e tomando posições concretas, seja na vida estudantil ou já como profissional.

Neste sentido, vemos que pensar numa “Geografia” que nos faça agir com maior liberdade, passa por um repensar de questões práticas de ordem metodológicas. Não se trata de uma discussão profunda deste caráter. Tampouco de um novo método de pesquisa. Mas diríamos que desarmamento destas ferramentas para que possamos “enxergar”, o objeto de pesquisa em sua pluridimensionalidade. O instrumental metodológico, assim concebido é um processo que construímos também durante a pesquisa, no confronto sujeito & objeto e não algo que já se trás preestabelecido. Desta forma, primamos por uma visão plurimetodológica, contra a visão individualista. Na prática, isto permite-nos entender que quando se vai a campo, precisamos ter olhares aguçados para observar, apreender, interpretar o objeto estudado em sua integridade, em seu movimento, na sua contradição e confirmação. Nisto por exemplo, o olhar de um estudioso da geografia irá se diferenciar de outros olhares sobre uma paisagem.

Considerando questões, talvez estejamos gerando ou resgatando outras perspectivas para o trabalho com a Geografia e a possibilidade de romper os limites das salas de aula, para atividades diversas. Todavia, o mais importante é romper com nossos próprios limites, que dificulta ir além do que outros nos ensinam, seja em sala de aula, em livro ou noutros meios utilizados.

Uma chance que nos abre, é o regate da velha tradição das expedições geográficas. Estas se apresentam como possibilidade de ser resgatada e repensada nas das condições atuais de estudo na Geografia. Na prática pedagógica, referimo-nos com isto, à atividades como trabalhos de campo, viagem de estudos etc, que necessariamente não tenha sido estabelecidos com rígidos roteiros previamente definido. No planejamento do trajeto sair com destino conhecido é necessário, mas deixar a liberdade de olhar, e que a observação e curiosidade seja o “guia dos estudos” é um ponto diferencial é. Nisto vemos que a relação entre a observação do estudioso e a paisagem, colocam-se como condições fundamentais nestas investigações geográficas.

¹ - Professor assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Acre – UFAC. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, FCT/UNESP, Presidente Prudente.

Portanto, será a isto que nos dedicaremos a aprestar algumas idéias a seguir, partindo de breves reflexões sobre a Ciência Geografia.

A Geografia e a interface sociedade e natureza

A Geografia é a ciência que trabalha na interface sociedade/natureza, por excelência (há outras ciências que estuda esta relação, mas a Geografia, mais que estudar, ela aí se localiza vista a partir de sua prática). Analisando e refletindo como aí se estabelecem as inter-relações, podem-se conhecer quais são as forças motoras que geram os processos sociais inovadores ou conservadores, produzindo e reproduzindo a sociedade de nosso dias. Neste sentido, ao profissional da Geografia, é de suma importância o conhecimento tanto da dinâmica humano/social, como físico/natural quando embutidos na reprodução do espaço. Para a Ciência Geográfica, o físico/natural não é apenas o assoalho desses processos, mas instâncias envolvidas, apropriadas e mercantilizada em tais inter-relações; portanto, é aí que deve residir o interesse deste profissional. A estes, não interessará um conhecimento isolado do físico/natural ou do humano/social exclusivamente, mas sim as inter-relações que se estabelecem no processo de reprodução engendrado no contexto do modo capitalista de produção global.

Neste sentido, ao estudioso da Geografia será de grande importância o conhecimento do espaço em suas dimensões físicas, humanas e de como se dá sua apropriação na micro e macro reprodução socioespacial. Este estudioso, aí busca a apreensão de uma visão processual do espaço geográfico, numa relação teoria/prática – prática/teoria, no conjunto de seu “fazer Geografia”.

Assim, os trabalhos de campo, tornam-se um instrumento fundamental para o processo de ensino/aprendizagem na apreensão do empírico na Geografia.

A observação e o questionamento como caminho para conhecer a paisagem

Para o profissional e estudante da Geografia, a observação é um instrumento imprescindível tanto quando a reflexão. O que se faz não é simplesmente uma “observação”, mas uma “observação científica” que difere de uma observação qualquer (não que observações de outro nada signifique, mas que o olhar profissional da Geografia deve ser diagnosticador, deve ser especializado). Esta observação deve transcender uma série de obstáculos e limitações, das quais seriam parcialmente compreendidas pelo observador sem os requisitos teóricos adquiridos pelo estudioso da Geografia. Na prática da pesquisa, juntam-se a observação, os questionamentos a sujeitos sociais e pareceres de especialistas envolvidos com o “objeto de estudo”. Isto permitirá ao estudioso, que no confronto com esta realidade, formulem e reformulem seus conceitos e teorias, revejam posições metodológicas e reflitam, em especial, sobre sua postura e prática científica (o que leva a uma postura e prática política), perante o problema investigado. Todavia, a curiosidade é uma arma fundamental para o interessado a apreender mais, diante das novidades que se deparam em momentos específicos, por exemplo, numa atividade de caráter de viagem de estudos.

Ademais, é a partir da visualização da diversidade espacial da paisagem, que o estudioso compreenderá o espaço geográfico numa relação de decomposição e recomposição da totalidade. Possibilita-se, assim a compreensão do todo investigado, numa relação contraditória e completa (porém, não se acabada, pois são processuais. Isto já é a própria contradição em si).

Paisagem: da percepção do signo a apreensão do processo de sua construção.

Nestes trabalhos, a paisagem torna-se uma importante, categoria de análise a partir da sua observação e interpretação. A forma que percebemos a paisagem, enquanto expressão

visual e momentânea do espaço geográfico, é por nós apreendida. Esta apreensão se dá através de nosso poder de percepção e interpretação em constante processo de criação e recriação de conceitos. Esta percepção visual da paisagem dependerá de como nos colocamos na condição de observador e intérprete da paisagem: se iremos interpretá-la como se estivéssemos num mirante a observar até onde nossa alcançará nossa visão; ou se iremos observá-la, mas na condição um participante de sua construção, como sujeito que se insere em seu interior e apreende vivenciando-a, transformando-a e reconstruindo-a.

Ao optar pela segunda possibilidade, iremos notar uma paisagem que tem vida, tem cor, tem nome, tem cheiro e é manifestação de uma expressão socioespacial e temporal. Contudo, sua percepção será diversa, como diversa será a compreensão de quem a observa: é um cidadão comum, é um arquiteto, um geólogo, um geógrafo, um economista etc. Por final, ainda deve-se considerar a concepção política e científica do sujeito que procura conhecê-la.

Todavia, o profissional da Geografia comprometido com a compreensão crítica da realidade, deve ter uma visão ainda que sintética do conjunto relacional do físico/natural & humano/social. Este sujeito terá por obrigação oferecer uma visão completa e mais abrangente na sua interpretação do objeto estudado, isto é, dos processos e relações que aí se realizam. Certamente, aí estará presente o conhecimento captado das inter-relações socioambientais, socioeconômico ou sociopolítico, no processo de análise e decodificação da paisagem.

Por isto, entendemos que o conceito de paisagem deve ir além da compreensão tradicional de paisagens naturais, paisagem humana ou paisagem cultural. Este, enquanto um signo geográfico, é expressão dos processos inter-relacionais que produzem o espaço e que, é expressão real da relação espacial do social com sua situação no lugar, visto momentaneamente.

A paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também das condições econômicas, políticas, culturais etc. A técnica tem um papel importante, mas não tem existência fora das relações sociais. A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja Era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis (SANTOS, 1988, p. 69).

Desvendar a paisagem é buscar compreender quais as forças e processos econômicos, políticos e sociais atuam e atuaram sobre aquele ambiente. São estas forças e processo que o tornam como se apresenta em sua configuração paisagística do momento, isto é, na construção e reconstrução da paisagem que acontece a cada momento. É nisto que estão os dados, situações e processos não visíveis, mas que estão presente na paisagem. Para conhecê-los, temos que buscar as respostas nos “porquês” de cada elemento que compõem a paisagem (isto nos conduz a compreende ser processo gerador). Explicando melhor, isto significa buscar “o porquê” do que é visível na apreensão do que não é visível, mas é determinante nesta configuração visual. Nisto referimo-nos, por exemplo, a processos históricos, relações de produção, a primeira natureza que negada pela segunda compõe a essência da mesma etc. Em suma é como uma busca entender a essência do que está sendo captado na aparência.

Assim, podemos definir a paisagem, conforme SANTOS (1988, p. 72), sendo “[...] a materialização de um instante da sociedade. Seria numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia”.

Nisto está o que diferencia e define a dialética da paisagem na própria configuração do espaço geográfico:

O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso a paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que as separemos com categorias diferentes, se não

queremos correr o risco não reconhecer o movimento da sociedade” (SANTOS, 1988, p. 72).

A leitura da paisagem é, portanto um processo de decodificação dos significados implícitos. Aí o que observamos num momento, está suscetível de mudar noutra momento. Por isto a paisagem é momentâneo espaço, mas é produto dos processos que o produzem. Daí é preciso vê-la em seu processo, em sua formação, em seu movimento e também naquelas situações que torná-a contraditórias. Este é um papel e um poder de intervenção que dispomos

Foram com estes propósitos que no final do ano de 1999, organizamos uma viagem de estudo de Rio Branco no Acre até a cidade de Foz do Iguaçu no Paraná (durante dezoito dias no mês de novembro). A seguir, de forma sucinta é o que vamos expor nos item a seguir pontos básicos da atividade.

Viagem pela diversidade da costa oeste brasileira.

Neste trabalho partimos para conhecer a paisagem da Costa Oeste brasileira, com roteiro definido. Definimos também equipes que iram observar situações específicas. Todavia, o que guiaria o trabalho, seria a curiosidade dependeria de cada equipe. Aí, dava-se direção a suas observações ou inquirições sobre os lugares e pessoas visitadas.

Partindo desta compreensão, planejamos o roteiro dos trabalhos com os pontos de referências preestabelecidas. Assim, nossos estudos se deram com paradas nos seguintes lugares, onde analisávamos as questões explícitas a seguir:

- **Candeias do Jamari, RO:** “A questão energética, recursos hídricos”.
- **Chapada dos Guimarães, MT:** “Formas de apropriação relevo, turismo e potencialidades econômicas, tecnificação e intensificação da agricultura, agricultura orgânica”.
- **Corumbá, MS:** “Turismo, transportes fluviais, indústria mineradora, questão urbana”.
- **Bonito, MS:** “Turismo, questão ambiental e questão agrária”.
- **Mundo Novo, MS:** “Tecnificação e intensificação do campo, cooperativismo, as questões sociais do trabalhador do rural”.
- **Foz do Iguaçu, PR:** “Questão energética, fronteiras internacionais e turismo”.

Ademais nisto, foram observados ao longo do trecho, aspectos da paisagem referente ao agrário, ao urbano, tipos de ocupação da terra, diversidade do relevo e do clima, formas de apropriação da natureza, população humana, diversidades socioculturais etc. Isto nos subsidiaram na análise final dos temas que aqui apresentamos.

Neste trabalho final, cada grupo elaborou um relatório fundamentado teoricamente, mas pautados fortemente nas observações feitas. Para fins de melhor compreensão, organizamos a redação do trabalho em dois eixos de discussão subdivididos em vários itens:

- No primeiro eixo, trabalhamos numa descrição analítica a concepção do trabalho, uma representação e visão preliminar dos lugares visitados.
- No segundo eixo, passamos para análises temáticas, sobre assuntos de maiores relevâncias vivenciados no trecho durante a viagem. As temáticas foram definidas a partir das observações feitas em cada parada e durante todo o trajeto.

Últimas considerações

Com esta análise temática, apresentamos apontamentos sobre o que se apreendeu neste processo de ensino/aprendizagem. Assim, os relatórios das equipes, apresentaram uma visão de nosso contatar com realidades diversas, numa viagem de norte a sul pelo oeste brasileiro.

Em suma, esta é apenas uma possibilidade de trabalho com análise da paisagem, sob uma observação científica, em trabalhos de campo com alunos de graduação. Nisto, buscamos demonstrar que podemos edificar práticas de uma Geografia mais “livre das formalidades que convivemos”, mas com os “pés na realidade” e sem perder o caráter do aprendizado teórico necessário. Foi neste sentido foi que fizemos nossa reflexão teórica inicial, e apontamos para estas situações no decorrer da execução do trabalho que realizado em 1999, que aqui apresentamos.

Bibliografia:

- APOSTILA SOBRE PANTANAL. **Corumbá: a capital Pantanal**. S.n.t. [Gentilmente cedido pela AGB/Corumbá, 1999] (mimeo).
- APOSTILA SOBRE A CHAPADA DOS GUIMARAES. **Chapada dos Guimarães**. S.n.t. (mimeo).
- CATARATAS DO IGUAÇU. **Álbun das paisagens**. Foz do Iguaçu. S.n.t. 25p.
- CASSETTI, Valter. **Ambiente e apropriação do relevo**. São Paulo: Contexto, 1991. 147p (coleção ensaios).
- CIA CIMENTO PORTLAND ITAU. **Empresas Itau**. Corumbá: Cia Cimento Portland Itau. S.n.t.
- CINCO BACIAS. **Companhia Interamericana de navegação e comércio**. Folder Informativo. Ladário. S.n.t.
- DORST, Jean. **Antes que a natureza morra**. São Paulo: Edgard Blücher, 1973. 394p.
- FALCÃO, Theodorico de Góes. **Bonito: a terra prometida**. S.n.t. (mimeo).
- INFORMATIVO CATARATAS DO IGUAÇU. **Cataratas do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Gráfica Avenida Ltda. S.d.
- ITAIPU BINACIONAL. **Rev. Itaipu e o meio ambiente**. Foz do Iguaçu: Centro de Recepção de Visitantes. S.d.
- **Itaipu Binacional mais energia para o Brasil: uma das 7 maravilhas do mundo moderno**. Foz do Iguaçu: Centro de Recepção de Visitantes. S.d.
- LAGE, Beatriz H. G., MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. Campinas: Papyrus, 1991. 122p.
- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA ELETRONORTE PARA SAMUEL. **Enchimento do Reservatório**. Porto Velho: Eletronorte, S.d. v.3
- **Fauna**. Porto Velho: Eletronorte, S.d. v.4
- **Saúde**. Porto Velho: Eletronorte, S.d. v.1.
- **Vegetação**. Porto Velho: Eletronorte, S.d. v.2
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988. 124P.
- TRICART, Jean. **A Terra, Planeta Vivo**. Lisboa: Presença Ltda., 1978. 195p.
- VALVERDE, Orlando. **Geografia Agrária do Brasil**. Rio de Janeiro: CBPE/INEP/MEC, 1969. 395p.